

A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS TÉCNICOS DEPENDE DO  
CONHECIMENTO DA LINGUA ATRAVÉS DA QUAL ESSES  
CONHECIMENTOS SÃO TRANSMITIDOS

DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL  
DOS REQUISITOS EXIGIDOS PARA O GRAU  
DE LICENCIATURA EM LINGUÍSTICA

Por

*Virgília Bernarda Neto Alexandre dos Santos Matabele*

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
MAPUTO  
MOÇAMBIQUE  
JUNHO, 1991

81:159.953.5  
M 425a 04

F. LETRAS D.E.M.
R. E. 23474
DATA 7/06/1995
ACQUISICAO Orienta
COTA LT-60

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos filhos Paulo Alexandre e Tatyana Eduarda, ao meu marido António Alberto Paulo Matabele, aos meus pais e irmãos que muito carinho, amizade, amor e compreensão me dispensaram na sua realização; e, que este trabalho e esforço dispendidos constituam um exemplo para todos.

Dedico também, postumamente, esta dissertação ao meu saudoso irmão, José Alexandre dos Santos Júnior, que, tantas vezes, me perguntava carinhosamente: "Mana, quando é que acabas essa Tese?". De facto, ele, com estas "mal ajeitadas palavras" encorajava-me a fazer mais esforço para concluir o trabalho ora apresentado.

## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é o resultado de um "querer saber" decorrente de uma observação atenta aos problemas que surgem no dia a dia do meu campo de acção; Formação Profissional.

Este "querer saber" foi tecendo em mim a necessidade e a ânsia de investigar e encontrar, cientificamente, alternativas de solução para os referidos problemas.

É neste contexto que me empenhei em elaborar a presente dissertação fruto de trabalho e esforço individuais e de contribuição ímpar de muitos que de uma ou de outra forma deram o seu contributo para que ela fosse uma realidade. Deste modo, gostaria de deixar aqui expressos os meus profundos agradecimentos:

Ao Prof. Doutor William James Humbane - meu Supervisor principal -, pelo seu grande e incomensurável empenho, pela sua dedicação, pela sua sábia orientação e pelo seu encorajamento, o que me permitiu levar a bom termo o presente trabalho.

A Dr<sup>a</sup> Inês Machungo pela sua desinteressada e valiosa colaboração em sugestões, bibliografia e encorajamento.

Ao Prof. Félix Cossa pelo entusiasmo incutido na prossecução deste trabalho.

Ao Prof. Doutor Armando Jorge, pela encorajadora orientação e colaboração.

A todos os professores do Curso de Licenciatura Especial em Linguística pelos valiosos conhecimentos teóricos que serviram de suporte a esta dissertação.

Aos meus colegas do Curso de Licenciatura Especial quer pelo carinho e encorajamento dispensados nos momentos difíceis por que passei quer pelo material bibliográfico disponibilizado.

Ao meu amigo e ex-colega de trabalho Eduardo Cândido Zaquero - Responsável pela concretização do Curso Intensivo de Português - pela valiosa colaboração prestada na realização deste trabalho quer orientando as aulas quer abastecendo-me de bibliografia e sugestões pertinentes.

Ao Sr. César Pereira, professor de Português, pela sua colaboração na materialização do Curso Intensivo.

À Direcção, aos monitores (nacionais e estrangeiros) e alunos do Hotel-Escola Andalucia de Maputo pelo seu empenho na realização deste trabalho que sem eles não teria sido possível.

Ao Ministério do Comércio, em particular à Direcção Nacional do Turismo pela compreensão que tiveram, dando-me a possibilidade de trabalhar em meio tempo enquanto realizava a presente dissertação.

Aos Srs. José Daniel e Rodrigues pela sua preciosa contribuição não se poupando a esforços extras para que o presente trabalho fosse concluído com perfeição e atempadamente.

E por último e não menos importante, quero agradecer de um modo muito especial:

Aos meus filhos Paulo Alexandre e Tatyana Eduarda e ao meu marido António Alberto Paulo Matabele que sempre me acarinharam e encorajaram, apesar de, vezes sem conta, se terem visto privados do carinho, da dedicação e da atenção de mãe, esposa, companheira e amiga;

Aos meus pais e irmãos pelo carinho, compreensão e  
encorajamento.

## SUMÁRIO

O estudo, que se inicia, tem como objectivo fundamental analisar e inferir a relação que poderá existir entre a aprendizagem dos conteúdos programáticos e a língua através da qual esses conteúdos são transmitidos.

Investigar-se-á se o nível de conhecimento da língua influencia a aprendizagem dos conhecimentos técnico-científicos quando estes são transmitidos através de uma língua que não é do conhecimento do formando.

Este trabalho compreende as seguintes partes:

- Capítulo I - Introdução
- Capítulo II - Revisão da literatura
- Capítulo III - Métodos de Investigação
- Capítulo IV - Análise de dados e resultados
- Capítulo V - Sumário, conclusões e  
recomendações

No Capítulo I, faz-se uma introdução à problemática que se pretende discutir e investigar, apresentando os objectivos do estudo, a amostra com que se vai trabalhar e a importância do trabalho.

No Capítulo II, faz-se uma breve revisão da literatura relacionada com o tema (linguagem e comunicação; competência linguística e competência comunicativa).

No Capítulo III, apresentam-se os métodos e procedimentos para a recolha de dados.

No Capítulo IV, analisam-se os dados e discutem-se os resultados.

No Capítulo V, faz-se a síntese e apresentam-se as conclusões a que se chegou com a realização do presente trabalho, ao mesmo tempo que se recomendam procedimentos a seguir em posteriores trabalhos de investigação sobre esta matéria.



## Abreviaturas

- L<sub>1</sub> - Língua Primeira
- L<sub>2</sub> - Língua Segunda
- L<sub>3</sub> - Língua Terceira
- L<sub>A</sub> - Língua Alvo
- L<sub>P</sub> - Língua Portuguesa
- HEA - Hotel-Escola-Andalúcia
- GE - Grupo Experimental
- GC - Grupo de controle
- Mdn - Mediana
- Mo - Moda
- D. P. - Desvio Padrão

## CAPÍTULO I

### 1- Introdução

O presente trabalho pretende abordar o papel desempenhado pela língua na transmissão e recepção de conhecimentos técnico-científicos que é algo pertinente e complexo, com efeitos contraproducentes, quando não se é encarado com a devida seriedade.

Na programação dos cursos ou de qualquer outro tipo de actividade formativa é muito importante e necessário ter-se em conta os problemas da linguagem e da comunicação para os quais se deve fazer uma reflexão profunda que reputa ser condição "sine qua non" de uma actividade (prática) consciente e esclarecida.

A questão mais complexa é saber se existe alguma relação entre a aprendizagem dos conteúdos programáticos e a língua através da qual são transmitidos.

Geralmente, está-se de acordo que o não domínio da língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnicos influencia, de certo modo, a aquisição dos mesmos causando uma deficiente formação técnica no formando.

É neste contexto que, em qualquer País, são exigidos exames de admissão de língua aos alunos

estrangeiros que queiram ingressar nas Universidades ou noutros estabelecimentos de ensino.

Contudo, os objectivos deste trabalho são não só demonstrar que o facto de as aulas serem transmitidas numa língua que é para a maior parte dos formandos uma língua segunda ( $L_2$ ) ou uma língua terceira ( $L_3$ ) e não é do domínio linguístico de quem as recebe e/ou de quem as transmite, faz com que os conteúdos programáticos sejam adquiridos numa forma deficiente, ou melhor, com algumas lacunas, como também encontrar formas de melhorar a aprendizagem dos conhecimentos técnicos, tirando maior e melhor vantagem da formação profissional oferecida por países com os quais se tem relações de cooperação, neste âmbito, ou se possa vir a ter.

Para o efeito, seleccionou-se para amostra do "Corpus" deste trabalho formandos do Hotel-Escola Andalucia de Maputo - único Centro de Formação Profissional de Hotelaria, em Moçambique - em número de sessenta (60) de todas as especialidades ali ministradas (Restaurante - Bar, Recepção, Cozinha e Andares) que têm como monitores (formadores) técnicos nacionais (formados naquele centro por técnicos espanhóis) e/ou estrangeiros (espanhóis).

Os formandos, após terem sido submetidos a um inquérito sociolinguístico e a um teste diagnóstico, foram divididos em dois sub-grupos: um que foi

submetido a aulas intensivas de Português (Grupo Experimental) e outro que não passou por este processo (Grupo de Controle). Cada um dos formandos de cada sub-grupo recebeu aulas da sua especialidade enquanto decorriam as referidas aulas de Português.

Este trabalho pretende comprovar que o ensino intensivo da Língua Portuguesa minimiza as dificuldades existentes na compreensão e retenção dos conteúdos programáticos ministrados naquele Centro de Formação Profissional, havendo necessidade de se rever ou de se reestruturar o "currículum" dos cursos ministrados naquele Centro ou de se elevar o nível de ingresso exigido para a frequência dos mesmos.

A hipótese formulada é "a língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnico-científicos influencia negativa ou positivamente a aquisição desses conhecimentos quando ela não é ou é do domínio do formando".

## 2- Significância do Estudo

O presente trabalho pretende ser um contributo de reflexão para a melhoria dos mecanismos a empregar para o rendimento escolar nas disciplinas leccionadas através de uma língua que não é do domínio do formando.

A língua oficial, em Moçambique, é a língua portuguesa, simplesmente chamada Português. Esta língua permite o acesso ao saber, ao conhecimento

científico, à tecnologia e às oportunidades. O Português é a única língua veicular da educação, da administração, do governo, do comércio, da soberania moçambicana.

Na comunicação com o título "O Ensino de Língua na Educação Formal em Moçambique" apresentada a "Neida Regional Seminar on National Languages and Foreign Language Teaching in Africa", em Maputo, de 5-8 de Junho de 1990, A. Ngunga e I. Machungo referem que os dados estatísticos do recenseamento geral da população, realizado em 1980, indicam que, em Moçambique, 24,4% dos 12.300.000 habitantes falam português dos quais apenas 1,2% têm o português como língua materna.

Isto demonstra que a língua portuguesa não é uma língua primeira (L<sub>1</sub>) para a maior parte dos seus falantes. Apesar disso, ela é ensinada como se duma L<sub>2</sub>, se tratasse. É neste contexto que, na aprendizagem da língua, o aprendizando encontra algumas dificuldades que lhe impedem de possuir um domínio coeso da própria língua, (ou melhor, uma competência linguística) nos primeiros anos de escolaridade.

Assim, este trabalho que é válido não só para a área de formação profissional do sector de Turismo e Hotelaria, como também para outros sectores de actividade económica a nível nacional, em que situações idênticas ocorrem ou poderão vir a ocorrer, é

essencialmente um convite a uma reflexão de base sobre os problemas de linguagem e comunicação na formação profissional.

Este estudo é muito importante porquanto não só vai contribuir para a melhoria da qualidade dos cursos de formação profissional realizados no Hotel-Escola Andalúcia, dando aos formandos uma formação mais completa e coesa que os tornará profissionais de qualidade, como poderá ser aplicado a várias situações da comunidade educativo-formativa permitindo uma orientação na escolha do parceiro de cooperação com quem se pode tirar maiores e melhores vantagens.

## CAPÍTULO II

### 1- Revisão da Literatura

O presente trabalho tem como objectivo fundamental verificar se, de facto, a língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnico-científicos influencia a sua aquisição quando aquela não é do domínio do formando.

Este capítulo vai analisar e investigar o problema da linguagem e da comunicação que tem preocupado muitos estudiosos, interligando-o ao processo de ensino-aprendizagem de língua.

Ensinar é deslocar-se: trata-se sempre de conduzir (de acordo com o significado da própria palavra pedagogia) o educando na direcção de um conjunto de doutrinas ou disciplinas que ele julga desconhecidas ou estranhas. Com efeito, é na consciência que tem ou assume de uma distância entre si próprio e o objecto do ensino que o educando compreende a sua condição: a condição de quem é iniciado.

Falar uma língua não exige nada mais que um esforço mínimo que garante, entre o locutor e o ouvinte uma compreensão. Falar, uma vez terminado o aprendizado dos primeiros anos, torna-se um acto natural, que o uso social, progressivamente, aperfeiçoa; basta para isso um mínimo de contactos.

O locutor está, por assim dizer, instalado na sua língua e isto, segundo alguns autores, desde os seis anos. Parece assente que a criança tem desde então a capacidade de "gerar" de maneira infinita, não só frases anteriormente ouvidas, mas também frases que nunca recebeu. Como diz C. Freinet na sua célebre frase "A criança aprende a falar com perfeição sem conhecer uma regra sequer da linguagem falada". (1) C. Freinet limita-se a observar que a língua é, para nós, familiar, próxima, "natural" e que basta valer-se dela em condições que imitam a vida, para falar, ler e escrever correctamente. A criação das circunstâncias seria uma resposta para todos os problemas do ensino da língua.

A vida quotidiana do Homem desenrola-se entre um conjunto de "mensagens" que a sociedade lhe fornece. Porém, a maioria dessas mensagens recebidas são de natureza linguística: quer a língua acompanhe, como comentário quer ela se apresente só, como em qualquer conversa.

Sempre que procuramos estabelecer entre o meio social e a nossa actividade um relativo equilíbrio é a língua que recorremos. Por experiência quotidiana, descobrimos que a mensagem linguística se realiza quer

---

(1) Cf. C. Freinet em "Linguística e ensino do Português" de E. Genouvrier, Peytard, pp. 16-17

oral quer graficamente.

Ter um primeiro conhecimento de uma língua significa experimentá-la no cruzamento dos eixos de uma sincronia e de uma diacronia.

### 1.1- Linguagem e comunicação- seu funcionamento

Uma mensagem não pode existir sem que haja uma ligação recíproca entre dois sujeitos. O sujeito A(emissor) dirige-se ao sujeito B(receptor).

Para que a mensagem possa passar de A a B (e vice-versa, no caso do diálogo) é necessário um contacto estabelecido de modo permanente entre A e B. Esse contacto torna-se possível graças a um canal de comunicação. R.Jakobson (Linguística e Comunicação; p.132) escreve: "A mensagem requer um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica", (2) S.Moscovici e M.Plon (Les situation-colloques") dão a seguinte definição: "Os canais de comunicação definem-se pelo meio físico, social, psicológico, pelos meios técnicos aos quais o sujeito falante tem acesso para fazer com que a mensagem chegue ao destinatário por ele escolhido" (3). Portanto, deve-se dar à

---

(2) Roman Jakobson, "Linguística e Comunicação", Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1969, pp.132

(3) Cf. S. Moscovici e M.Plon, "Les situation-colloques: observations theoriques e experimentales" pp. 702-722



expressão "canal de comunicação" um sentido que ultrapasse o de um simples procedimento técnico.

Contudo, a mensagem constitui-se em torno de algo, acerca de um acontecimento, a partir de um determinado tema: "A mensagem requer um contexto ao qual remete" (4). Para designar esse contexto, os linguistas adotaram o termo "Referente".

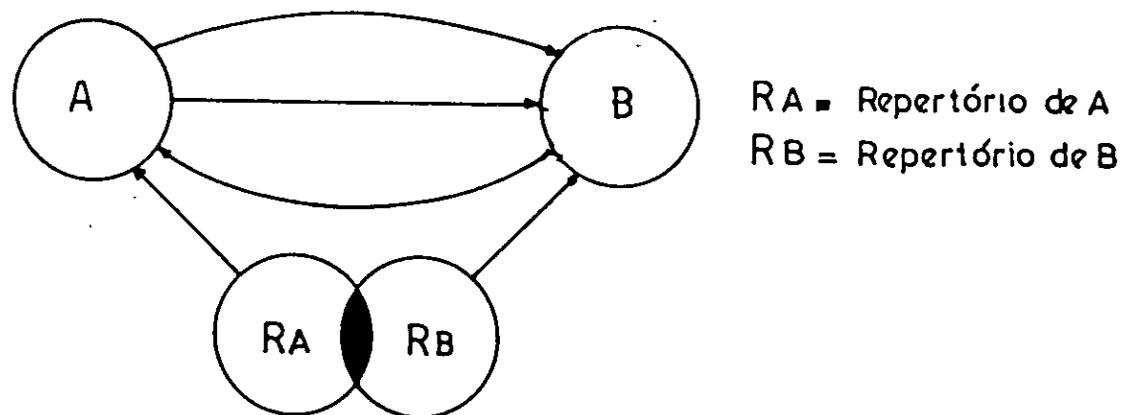
Suponhamos que A emita uma mensagem em inglês e que B seja um receptor que só fala francês. A incompreensão será total. B perceberá uma sequência de sons, modulados de determinado modo, entrecortados por pausas, adivinhará talvez acentos de intensidade variável, mas será incapaz de distinguir, ou seja, segmentar, grupos sonoros aos quais possa atribuir sentido. B acha-se em face da mensagem de A, como diante de uma mensagem cifrada de que é preciso conhecer a chave para desfazer o mistério. Se B não dispuser da chave, a mensagem de A será um enigma sonoro. Por outras palavras, para que A e B se possam comunicar é necessário que tenham em comum um código, isto é, um conjunto de regras que permitem

---

(4) Roman Jakobson, "Linguística e Comunicação, Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1969, pp. 132 - 134

combinar signos e construir unidades significativas. Assim, dois interlocutores franceses dispõem do mesmo código que uma análise das regras que regem a língua permite descrever.

Entretanto, não é de modo algum suficiente que o código seja comum para que a compreensão seja boa. Dois sujeitos pertencentes à mesma comunidade linguística podem muito bem chegar somente a um grau relativo de intercomunicação. Se A e B têm exactamente em comum o mesmo repertório de signos a compreensão será apenas parcial, o que pode ser representado esquematicamente como se segue:



O emissor A codifica a mensagem (daí o termo codificador, sinónimo de emissor) para o receptor B que a descodifica (descodificador - receptor). A codificação e a descodificação fundamentam a comunicação.

Quando há identidade de código entre A e B, a comunicação pode instaurar-se. No entanto, a transmissão da mensagem pode sofrer perturbações

capazes de dificultar uma boa intercompreensão. Essas perturbações afectam o canal de comunicação com muita frequência, sob diferentes formas parasitárias: ora B recebe mal a mensagem porque A pronunciou mal uma palavra, ora porque outra voz sobrepôs-se momentaneamente a de A ou porque B estava desatento ou ainda porque a palavra ou expressão é desconhecida pelo receptor B. A este fenómeno dá-se o nome de ruído. Ruído é todo o fenómeno que se sobrepõe, em graus e níveis diversos à mensagem na sua transmissão.

Correlativamente, para compensar as perdas de informações devidas ao ruído, para fazer com que um sinal mal percebido recupere o seu valor em outro ponto da mensagem, a língua proporciona ao emissor um procedimento específico, designado pelo nome de redundância: não se trata da redundância de tipo retórico pela qual a mesma ideia é retomada em formas variadas, mas de um desdobramento de marcas, por exemplo, de tipo gramatical.

Assim sendo, poderá compensar-se essa perturbação, quando ela é causada pelo desconhecimento parcial ou total do código utilizado pelo emissor, através da elevação do nível de escolaridade exigida ou da administração de aulas intensivas da língua através da qual são transmitidas as mensagens?

## 1.2- Competência Comunicativa

Depois de se fazer referência à linguagem e comunicação e às condições em que se pode estabelecer uma comunicação "perfeita" importa abordar a competência comunicativa começando por fazer uma pequena abordagem à competência linguística.

A expressão competência linguística que tão depressa se vulgarizou (depois da formulação standard da gramática de Chomsky) como condensação dos objectivos a atingir no ensino de línguas, é raramente tomada nos termos restritos, em que Chomsky a introduziu e, antes, se vê "acrescida" de dimensões e matizes que, na verdade, não comporta o que constitui inegável desvirtuação.

Podemos inferir que esses acréscimos provêm da necessidade de preencher vazios e incapacidades notórias daquela noção para captar em toda a amplitude a realidade muito mais rica a que se quer fazer referência, a saber, a capacidade de falar, a capacidade de comunicar utilizando a linguagem verbal.

É, pois, oportuno, desmontar no essencial o conteúdo da noção de competência linguística.

Para Chomsky competência é o conhecimento que o falante possui da língua" (5). Os pontos fundamentais

---

5) Noam Chomsky 1965, pp 83-84

para a caracterização deste conhecimento são a definição do sujeito e do objecto desse saber, das suas marcas e das condições da sua aquisição.

O sujeito deste conhecimento é um falante-ouvinte idealizado. A articulação "falante-ouvinte" assinala a abstracção metodológica dos papéis (e de tudo o que a eles está agregado) que alternadamente assume um falante no exercício linguístico: procura-se, pois, caracterizar a capacidade compartilhada pelos sujeitos envolvidos no acto verbal, assumindo-se uma "neutralidade" a respeito da diferenciação locutor-receptor. Por outro lado, a abstracção do falante-ouvinte como um indivíduo que "sabe perfeitamente a sua língua", que está situado numa "comunidade linguística completamente homogénea" e que, no exercício verbal, não é afectado por factores gramaticalmente relevantes, isto é, por "contraintes" que Chomsky situa particularmente ao nível psicológico ou psicofisiológico (ignorando outros de natureza social).

O objecto deste saber, isto é, aquilo que o integra é o código, aqui apresentado como um conjunto finito de regras que manejam um conjunto também finito de unidades linguísticas que garantem a enumeração explícita e exaustiva do número infinito das frases de uma língua, ou melhor, de um conjunto de estruturas subjacentes às (e, por isso, explicativas) frases, em número infinito, que perfazem uma língua. Essas regras

apoiam naturalmente juízos ou intuições sobre as frases produzidas ou a produzir.

Da caracterização do sujeito e do objecto deste saber, decorrem outras marcas fundamentais como é a competência. A competência é uma capacidade mental, uma capacidade criativa e interpretativa, um saber consciente não coincidente com a caracterização que dele possa fazer locutor-ouvinte. (6).

Este conhecimento específico estará na base da criação de frases novas, do reconhecimento de frases aceitáveis e inaceitáveis e da identificação de tipos e sub-tipos de frases relacionadas com aspectos relevantes direccionadas ao conhecimento e ao domínio de uma língua.

Como se pode verificar dimensão dinâmica tão acentuada e posta em relevo na competência é referida à sintaxe. Daí que a explicitação desta competência que é a gramática é dominada pela sintaxe, entendida como corpo mediador entre o som e o sentido e portadora da capacidade gerativa.

---

(6) A competência é uma capacidade mental, sendo que tal constitui dado de base em que se apoia o mentalismo da Gramática Gerativa-Transformacional, que Chomsky alarga, designadamente em "Language and Mind," até o reconhecimento da realidade psicológica para as regras que integram a competência.

Finalmente, a competência linguística é um saber adquirido, através de um processo complexo em que jogam naturalmente os "dados linguísticos primários" mas em que o factor decisivo é a "faculté de langage" considerada inata, isto é, transportada em cada indivíduo e constituindo verdadeiramente a marca da espécie humana. É nestas condições particulares que o falante-potencial desenvolve a sua competência ou, noutros termos, interioriza a gramática da língua.

Desta breve caracterização decorre obviamente o que a competência linguística não é e que convirá explicitar: naturalmente, não é o falar, o exercício, que constitui o segundo termo do binómio competência-desempenho ou "performance"; não é também a "performance" potencial, isto é, o exercício como potência perspectivada do acto, pois se o fosse estariam substancialmente reduzidas as possibilidades teóricas da "boa formação" de frases, porque o exercício real está afectado por factores vários gramaticalmente irrelevantes; também não é, finalmente, o saber falar, mas apenas uma sua dimensão, já que o saber falar integra mecanismos que conduzem da capacidade ao acto ajustado em função das circunstâncias de comunicação e não apenas o domínio de regras que condensam as possibilidades combinatórias teóricas de unidades - em suma, porque nos termos em que é apresentada, esta capacidade não comporta as regras que pautam a adequação do uso às diversificadas situações vividas por um falante real, mergulhado numa comunidade real, que não é homogénea nem estática.

A construção lógico-dedutiva que Chomsky levanta como gramática pretende simular, como modelo teórico que é, esta capacidade mental, inatingível pela via indutiva. Por isso, se diz que a gramática de Chomsky é um modelo da competência ou da gramática interiorizada por um falante-ouvinte idealizado.

Por outro lado, a "performance" é, como apontámos já, o desempenho efectivo da linguagem, onde intervêm factores, já apontados genericamente, que, para utilizar palavras de Chomsky e colaboradores, perturbam, desvirtuam, adulteram aquele sistema idealizado.

Cada um dos inumeráveis momentos em que se realiza a actividade linguística constitui antes de tudo um complexo acto social: na sua forma mais simples, nele se projecta a estrutura mínima da interacção social-troca de mensagens entre dois indivíduos.

Esta estrutura mínima contém naturalmente os termos essenciais do acto verbal - o emissor e o receptor, reunidos pela mensagem - a que se associam outros elementos igualmente centrais, a saber, código, canal, complexo situacional "ego-hic-nunc", e contextos (onde há que distinguir, de um lado, o referente e o "mundo" em que se inscreve, e, do outro, os enunciados que precedem e/ou seguem o produzido no acto em consideração).

Este conjunto integrado de elementos não é

estático, antes se apresenta animado de uma dinâmica complexa, em que se congregam o dinamismo intrínseco de cada um e o dinamismo das interações mais ou menos profundas entre todos.

Contudo, vemos bem que uma descrição ou descrição - explicação linguísticas que contemplem apenas o código tido como isolado dos outros elementos de que é interdependente estará longe de poder captar a essência da linguagem como comunicação: esse código, assim perspectivado isoladamente, surgirá amputado de dimensões fundamentais como são as de índole sócio-cultural, diferencial (individual) e pragmática. Do mesmo modo, a caracterização da capacidade linguística do falante em termos de conhecimentos deste código amputado é manifestamente insatisfatória - como o será igualmente toda a tentativa de explicação da sua aquisição que não tenha em conta a presença dos contextos sociais em que ela se realiza.

Será, pois, necessário não apenas alargar o conteúdo mas sobretudo redefinir a própria natureza da noção de competência, de maneira a ver nela integrados não só o domínio da estrutura formal de um sistema, que permita a construção e o reconhecimento de frases "bem formadas", como também a capacidade de construir e reconhecer unidades mais extensas que a frase e alcançar e reconhecer a adequação destas unidades às condições do uso em situações concretas, preenchendo,

em articulação com outros códigos (não verbais) que igualmente se actualizam no acto comunicativo, funções diversas nelas suscitadas. É a esta capacidade que se dá o nome de competência comunicativa.

## 2- Sumário

A linguagem verbal, em suma, é um meio por excelência de comunicação, que perfaz a(s) comunidade(s) dos homens, constituindo o seu grande vínculo congregador. A capacidade linguística é antes de tudo uma capacidade comunicativa. Esta não se concretiza decerto, exclusivamente, na manifestação verbal, antes se reparte por todas as formas de comportamento, que revestem o carácter de actos culturais, porque assumidos pelo homem enquanto ser inteligente, livre e social. No entanto, entre estes actos culturais o acto linguístico destaca-se, porque a todos aglutina, a todos acompanha, a todos subjaz.

O acto de comunicação verbal é um momento complexo e pluridimensional porquanto ele desdobra-se numa pluralidade de actos assumidos pelo falante.

Deixando de lado o acto da própria produção fónica, articulada à condição psico-física e psico-fisiológica do exercício linguístico, no uso e pelo uso da linguagem, o falante:

- ordena e clarifica o seu mundo interior e o mundo

que o rodeia,

- institui, com referência a si mesmo, um campo de percepção onde situa os objectos, estabelecendo relações espaço-temporais, projectando-se a si mesmo com ele (s) - com referência ao "hic e nunc";
- apropria a sua língua, preenchendo formas vazias, isto é, semantizando todas as unidades da língua e, em particular, as formas indiciáveis;
- estabelece relações interpessoais e intersubjectivas e adota "juízos" sobre o seu interlocutor e pessoas interlocutivas;
- assume o seu próprio discurso e avalia as situações (re)criadas, modalizando os seus enunciados;
- constitui textos que revelarão integração e coerência.

Assim sendo, o uso linguístico, para além de se desdobrar nesta pluralidade de actos, é verdadeiramente um acto criador.

O valor de comunicação revela a actuação do falante na comunidade, testemunha os seus modos de comportamento, porque torna patente a sua mundividência, a situação relativa que a si mesmo se atribui aos outros, a sua convergência e/ou divergência

com estes, os pressupostos dessa mesma actuação e bem assim as entidades a que pretende atingir, a avaliação das situações e protagonistas, as implicações tentadas e/ou realizadas. Por último, no uso linguístico o Homem define-se, situa-se, integra-se, explicitamente e em plenitude na práxis social.

## CAPÍTULO III

### Métodos de Investigação

#### 1- Selecção da Amostra

Para o referido trabalho, foram seleccionados sessenta (60) alunos de todas as especialidades do Hotel - Escola Andalucia de Maputo a saber: Restaurante-Bar (15), Recepção (15); Cozinha (15) e Andares (15). Estes formandos tiveram como monitores (formadores) técnicos nacionais e/ou espanhóis.

Seleccionada a amostra, os formandos foram submetidos a um inquérito sociolinguístico e a um teste diagnóstico. Após a realização dos referidos testes, o grupo foi dividido em dois sub-grupos - Grupo Experimental e Grupo de Controle - que tiveram tratamentos diferentes.

A maior parte dos alunos de idade compreendida entre 21 e 25 anos dos quais 30% do sexo feminino e 70% do masculino possuía a 9ª classe, havendo, porém, alguns com a 6ª. classe e outros com mais de 9ª. classe.

Os técnicos espanhóis não falam Português e a transmissão dos conhecimentos é feita em espanhol. Os monitores (formadores) nacionais têm, na sua maioria, a 9ª. classe mais a formação básica adquirida no Hotel-Escola em cursos ministrados por técnicos espanhóis e ainda, mais de dois anos de experiência profissional e o curso de metodologia didáctica.

Os sub-grupos de igual número (30-trinta-estudantes em cada um) e com certa homogeneidade foram constituídos por alunos do Hotel-Escola Andaluçia (como já foi referido anteriormente) de todas as especialidades.

Esta subdivisão foi baseada apenas nos resultados obtidos no Teste Diagnóstico.

## 2- Processo de InvestigaçãO

Depois da escolha da amostra, foram submetidos:

### a) Aos alunos e monitores nacionais

- Um inquérito sociolinguístico (anexo I, II) para se determinar qual a posição ocupada pela língua Portuguesa para a maior parte dos formandos e dos monitores nacionais (L<sub>1</sub>, L<sub>2</sub>, L<sub>3a</sub>, ...) e também para se ter um conhecimento do contexto socio-linguístico em que os mesmos se encontram inseridos. Pois, "em cada um dos inumeráveis momentos em que se realiza a actividade linguística constitui antes de tudo um complexo acto social (...) nele se projecta a estrutura mínima da interacção social". (v. pág. 16 do trabalho).

### b) aos formandos (e apenas a estes)

- um teste diagnóstico para se testar o nível de conhecimentos da língua portuguesa a fim de se elaborar um programa que deveria ser ministrado em

regime intensivo, com vista a possibilitar a comparação dos dois sub-grupos (o Experimental e o de Controle) e avaliar a necessidade de introdução da disciplina de Português no "Curriculum" dos cursos.

Após a realização do teste diagnóstico, a amostra foi dividida em dois sub-grupos de igual número (30) com certa homogeneidade, baseada no resultado obtido no referido teste.

Constituídos os sub-grupos, o grupo experimental foi submetido a aulas intensivas de Português. O grupo de controle não recebeu as referidas aulas.

Contudo, os dois sub-grupos receberam aulas de especialidade enquanto decorriam as aulas de Português em regime intensivo com o grupo experimental.

As aulas tiveram a duração de dois meses e meio, com seis (6) horas semanais perfazendo 60 horas. O programa incidiu fundamentalmente nas seguintes áreas: Linguagem e comunicação, análise textual, recuperação gramatical e redacção. Durante o período de aulas os estudantes foram submetidos a avaliações para controle do processo ensino - aprendizagem ao mesmo tempo, que se testava o nível de aproveitamento da especialidade.

Com esta subdivisão e, segundo a hipótese formulada (ver. pág. 3), espera-se que os alunos com preparação intensiva da língua Portuguesa venham a demonstrar maior capacidade de aprendizagem do que os outros,

apresentando melhor compreensão o que significa: melhor adaptação, melhor "performance" e melhores resultados no que se refere ao trabalho técnico-científico.

Os procedimentos estatísticos usados para analisar os dados resultantes dos testes de elicitação de informação foram:

- a) o cálculo da Média, Mediana e Moda (anexo V)
- b) o cálculo do Desvio Padrão (anexo VI)
- c) a elaboração de um quadro comparativo entre os dois sub-grupos com base no cálculo das medidas apresentadas em a) (anexo VII)
- d) o teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ) sobre frequências absolutas (anexo VIII)

Foram feitos os cálculos apresentados em a) e b) para elaborar o quadro comparativo entre os dois sub-grupos e inferir sobre a validade e a importância do curso intensivo de Português.

O teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ) calculado sobre frequências absolutas das notas finais da especialidade foi para avaliar e confirmar a Hipótese.

## CAPÍTULO IV

### Análise de dados e Resultados

Analisando as respostas ao inquérito sociolinguístico submetido aos estudantes, verificou-se que a maioria dos alunos tem uma idade compreendida entre os 21 e os 25 anos, estando 81,7% a viver com a família nos bairros suburbanos da capital do País, com baixo poder económico.

Indagados os alunos sobre as línguas que falam em casa,

30% Responderam que falam Português;

10% Responderam que falam Changana;

45% Responderam que falam Ronga;

15% Responderam que falam Português e Changana.

Indagados sobre as línguas que falam com amigos e familiares a maior parte respondeu que fala Português e uma ou duas línguas do grupo Tsonga. Isto significa que a maioria dos alunos são bilingues, falando cada um a língua Portuguesa e, pelo menos, uma língua do grupo Tsonga.

Através do mesmo inquérito foi possível concluir que mais de 70% dos alunos têm a língua Portuguesa como uma língua segunda ( $L_2$ ) e uma língua do Grupo Tsonga como uma língua primeira ( $L_1$ ).

Porém, apesar de se ter conhecimento que a língua Portuguesa é uma  $L_2$  para a maior parte dos alunos, em

Moçambique, ela é ensinada como se de uma L, se tratasse. Este facto traz algumas implicações na aprendizagem da língua o que prejudica sobremaneira a aquisição da competência linguística e da competência comunicativa nos primeiros anos de escolaridade, o que tem repercussões nos níveis de classes seguintes.

É neste contexto que, observando os resultados apresentados nos anexos IV e IX, se verifica que as notas mais baixas são as dos formandos que possuem como Habilitações literárias classes inferiores à 9ª classe.

Por outro lado, verifica-se também, através do inquérito submetido aos monitores nacionais, que estes têm a 9ª classe como Habilitações literárias (havendo alguns com a 6ª classe) e o Português como uma L<sub>2</sub>. Estes monitores nacionais que também tiveram a sua formação com técnicos espanhóis possuem as suas limitações, criando, por vezes, algumas perturbações na transmissão dos conhecimentos técnico-científicos aos formandos.

É natural que isso aconteça, pois, como se viu anteriormente, no capítulo II, não basta que o código seja comum para que a compreensão seja perfeita. Dois sujeitos pertencentes a mesma comunidade linguística (como o são o formador e o formando) podem muito bem chegar somente a um grau relativo de intercomunicação. Se os dois tiverem o mesmo repertório de signos, a compreensão será apenas parcial.

O mesmo não se passa com os monitores espanhóis. Nesta intercomunicação, a dificuldade é maior pois o emissor (monitor espanhol) e o receptor (formando) não possuem o mesmo código, apesar das "aparentes" semelhanças do sistema estrutural linguístico entre as duas línguas (Português e Espanhol).

Estas dificuldades são perturbações (chamados "ruídos") que impedem uma boa intercompreensão e podem fazer com que se percam informações de interesse para o próprio desenvolvimento qualitativo do formando. Porém, estas perdas de informação podem ser compensadas por aquilo que, em linguística, se dá o nome de "Redundância".

Surgem, então, duas questões que se julgam pertinentes colocá-las e analisá-las:

(I) "Poderá compensar-se a perturbação ("ruído") quando ela é originada (causada) pelo desconhecimento parcial ou total do código utilizado pelo emissor através da elevação do nível de escolaridade exigido ou através da administração de aulas intensivas da língua através da qual são transmitidas as mensagens?".

(II) Não será pelo facto dos alunos terem consciência das suas limitações no domínio da língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnico-científicos (o que

origina perturbações na intercompreensão das mensagens) que, quando indagados sobre que método de ensino preferem:

20% optaram por aulas expositivas;

40% optaram por aulas práticas

30% optaram por aulas teóricas

10% optaram por aulas individuais, não se registando nenhuma opção por aulas dialogadas?

Estes resultados indicam que uma parte significativa dos formandos, tendo consciência das suas limitações no domínio de língua e apercebendo-se das dificuldades que possuem na compreensão dos conteúdos programáticos preferem aulas práticas a qualquer outro tipo de método. Por outro lado, as outras opções são para métodos de ensino que não obrigam o aluno a usar a própria língua. Este facto leva a concluir que, o aluno, para superar a sua dificuldade de língua, utiliza uma das estratégias de comunicação, a chamada "estratégia de evitação".

O termo "estratégia" foi introduzido por Selinker nos seus estudos de interlinguagem e relaciona-o com os erros que o aprendiz de L<sub>2</sub> comete ao tentar exprimir um significado num discurso espontâneo com formas inadequadas da LA. A primeira investigação sobre estratégias de comunicação foi realizada por Tomás Varádi e um estudo de maior profundidade foi levado a

cabo por Elaine Tarone, Andrew Cohen e Guy Dumas.

É consenso dos investigadores e professores de línguas que o aprendente perante um problema comunicativo utiliza estratégias potencialmente conscientes para poder atingir o seu objectivo comunicativo. Perante tal situação os aprendentes poderão comportar-se de duas maneiras: 1) adoptar um comportamento de evitação para solucionar o problema, o que, por vezes, conduz à mudanças do objectivo comunicativo, ou 2) adoptar um comportamento alternativo para a realização do objectivo comunicativo.

Segundo Kleinmann (1978) o comportamento de evitação tem sido objecto de estudo por parte dos psicólogos no contexto da aprendizagem animal; mas, recentemente, estudos de aquisição de L<sub>2</sub> sugerem que os aprendentes recorrem a estratégias de evitação em face de dificuldades.

No caso vertente, os formandos evitam o diálogo por falta de conhecimento de determinadas formas linguísticas, ou melhor, por falta do domínio linguístico, optando, assim, por tipo de aulas em que não necessitam de fazer uso dos seus conhecimentos da língua em uso.

Contudo, após a realização do teste diagnóstico, o Grupo Experimental foi submetido a um curso intensivo de Português com vista a um desenvolvimento qualitativo

da compreensão das instruções técnico-científicas, transmitidas quer pelos técnicos espanhóis quer pelos nacionais.

O grupo de controle não teve aulas intensivas de Português.

Os dois grupos (G.E. e G.C.) receberam as aulas normais da especialidade.

A avaliação foi feita numa escala de 0 a 20. A nota de passagem de nível é 10.

Deste modo, podem ser vistos no Anexo IV os resultados obtidos pelos alunos dos dois grupos.

Analisando, comparativamente os grupos (Experimental e de Controle) - Anexo VII - verificou-se que a média do G.E. é de 11.8 e a moda é de 11.5 o que leva a inferir que a maior parte dos alunos tem nota igual ou acima da média.

A média do G.C. é 10.06 e o valor da moda é 7. Logo, a maioria dos alunos deste grupo tem nota inferior, ou melhor, abaixo da média. Pois, a moda é inferior à média.

Em ambos grupos (o Experimental e o de Controle) a média (11.8 → G.E. e 10.06 → G.C.) é superior à mediana o que prova que a assimetria é positiva.

No G.E. a nota mais baixa foi 7 e a mais alta 17, enquanto no G.C. a nota mais baixa foi 5 e a mais alta 16.

No G.E. o "Range" (diversificação de notas) foi de

11, enquanto que o do G.C. foi 12 um pouco superior ao do G.E. - o que significa que o G.E. é um pouco mais homogêneo que o G.C.

O Desvio Padrão no G.C. é 1.6 e no G.E., é igual a 1.09.

Pelo exposto, verifica-se que existem ligeiras diferenças entre os dois grupos.

Porém, de modo a aceitar de uma forma mais exacta a hipótese formulada anteriormente "a aquisição dos conhecimentos técnico-científicos depende do conhecimento da língua através da qual são transmitidos esses conhecimentos" aplicou-se o teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Por meio deste teste foi possível avaliar (testar) a hipótese das duas variáveis: a aquisição dos conteúdos técnico-científicos e o nível de conhecimento da língua.

O  $\chi^2$  foi calculado sobre frequências absolutas das notas finais da especialidade dos alunos. O valor obtido foi de 4.58 (v. anexo VIII) - . Testou-se este valor a um nível de significância de 0.05 ( $p \leq 0.05$ ). A um (1) grau de liberdade o valor crítico obtido foi de 3.84.

O valor do  $\chi^2$  é maior que o valor crítico. Pode então, afirmar-se que as duas variáveis não são independentes. Ou melhor, existe uma relação de dependência entre a aquisição dos conhecimentos técnico-científicos e o nível de conhecimento de

língua: quanto mais baixo for o nível de conhecimento da língua maior será a dificuldade de aquisição dos conhecimentos técnico-científicos.

Deste modo, poder-se-á responder à questão, anteriormente, formulada sobre se seria possível compensar a perturbação causada pelo desconhecimento parcial ou total do código utilizado pelo emissor (formador) através da elevação do nível de escolaridade exigida ou da administração de aulas intensivas da língua através da qual são transmitidos.

Pela análise dos dados apresentados como resultado das aulas intensivas de Português, os resultados do Grupo Experimental, que foi submetido às referidas aulas, foram superiores aos do Grupo de Controle, denotando assim melhor aproveitamento escolar. Provavelmente, esta seria uma forma de superar, ou melhor, minimizar a lacuna ou a perturbação existente.

Contudo, outra forma poderia ser aventada: a possibilidade de elevação do nível de escolaridade exigida. Também foi possível verificar na análise de dados que, quanto maior for o nível de escolaridade maior facilidade terá, o formando, de compensar a perturbação causada pelo desconhecimento parcial ou total do código utilizado pelo emissor (formador).

Com estes dados a Hipótese anteriormente formulada "a aquisição dos conhecimentos técnico-científicos depende do nível de conhecimento da língua através da

qual esses conhecimentos são transmitidos" é devidamente confirmada e aceite.

## CAPÍTULO V

### SUMÁRIO, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

#### 1 - Sumário

A aquisição dos conhecimentos técnico-científicos depende do nível de conhecimento da língua através da qual esses conhecimentos são transmitidos.

Para clarificar esta dependência, foram seleccionados para amostra da investigação sessenta (60) alunos do HEA de todas as especialidades. Estes formandos têm como monitores técnicos espanhóis e/ou nacionais.

Os formandos e formadores nacionais foram submetidos a um inquérito sociolinguístico para determinar qual o estatuto da língua Portuguesa no quotidiano da maioria (Se L<sub>1</sub>, L<sub>2</sub>...) e também para se ter um conhecimento sócio-económico em que os mesmos se encontram inseridos.

Após a realização do referido inquérito, os alunos foram igualmente submetidos a um teste diagnóstico a fim de se avaliar o nível de conhecimentos da língua Portuguesa. Posto isto, os alunos foram divididos em dois grupos: o Experimental que foi submetido a aulas intensivas de Português e o de Controle que não teve as referidas aulas.

As aulas de Português foram ministradas com base num programa fundamentalmente orientado para a Linguagem e Comunicação (Introdução à Linguística)

Análise de Textos, Recuperação Gramatical entre outras áreas.

Os dois grupos receberam aulas da especialidade.

No final do curso da especialidade foram analisados os resultados com base no cálculo da média, mediana e moda e no cálculo do Desvio Padrão.

Com o objectivo de se poder falar com maior segurança sobre a influência que o conhecimento da língua, através da qual são transmitidos os conteúdos programáticos, tem na aquisição dos mesmos, aplicou-se o teste  $\chi^2$  sobre frequências absolutas das notas finais da especialidade. O valor do  $\chi^2$  foi testado a um nível de significância de 0.05 ( $p \leq 0.05$ ) e a um grau de liberdade o que resultou num valor crítico menor que o do  $\chi^2$ .

## 2 - Conclusão

Ao chegar ao fim desta dissertação e revendo os resultados do inquérito, verifiquei que:

- (I) a maior parte dos formandos do (-)EA tem a idade compreendida entre 21 a 25 anos, vivendo 81,7% com a família nos bairros suburbanos da capital do País, com baixo poder económico.
- (II) Mais de 70% dos alunos têm a LP como uma  $L_2$  e uma língua do Grupo Tsonga como uma  $L_1$ . A maior parte deles são bilíngues, falando uma

língua Tsonga em casa e a língua Portuguesa e uma ou mais línguas do Grupo Tsonga com os amigos e familiares. Este facto leva a concluir que os formandos, ou melhor, a maior parte dos formandos, vem já com algumas "deficiências" linguísticas, dado que a língua Portuguesa é uma L<sub>2</sub> para a maioria deles e ela, em Moçambique, é ensinada como se de uma L<sub>1</sub> se tratasse o que origina algumas dificuldades na sua aprendizagem.

(III) Os formandos preferem aulas práticas (40%) ou teóricas (30%) ou expositivas (20%) ou individuais (10%) não havendo alguma opção, para as aulas dialogadas, o que me permite concluir que, sendo conhecedores das suas limitações no domínio de língua e apercebendo-se das dificuldades na compreensão dos conteúdos programáticos utilizam uma das estratégias de comunicação que é a de evitação.

(IV) Analisando comparativamente os dois grupos (Grupo Experimental e Grupo de Controle) - resultantes da divisão efectuada após a realização do teste diagnóstico - os resultados do Grupo Experimental foram superiores aos do Grupo de Controle, apesar das ligeiras diferenças que apresentam

causadas, provavelmente, pela curta duração do curso intensivo. Dois meses e meio foi pouco tempo. O Grupo Experimental teve melhor rendimento que o Grupo de Controle (v. anexos. IV, VII e IX) o que significa que quanto maior for o domínio da língua de ensino, melhor e mais produtiva será a aquisição dos conhecimentos técnico-científicos.

- (V) Através do resultado obtido da aplicação do  $\chi^2$  sobre frequências absolutas das notas finais, as duas variáveis da hipótese (a aquisição dos conteúdos técnico - científicos e o nível de conhecimento de língua não são independentes. Elas dependem uma da outra: quanto mais baixo for o nível de conhecimento da língua, maior é a dificuldade de aquisição dos conhecimentos técnico-científicos.
- (VI) A perturbação causada pelo desconhecimento parcial ou total do código utilizado pelo emissor (formador) pode ser compensada pela elevação do nível de escolaridade (anexo IV, VII e IX) ou pela administração de aulas intensivas da língua através da qual são transmitidos (anexo IV, VII e IX).
- (VII) A maior parte dos monitores tem a língua Portuguesa como uma  $L_2$  e uma língua Tsonga como uma  $L_1$ . Este facto pode constituir

também uma limitação para a melhor aprendizagem do formando.

Em suma, a língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnico-científicos influencia negativa e/ou positivamente a aquisição dos mesmos quando ela não é/ou é do domínio do formando.

A hipótese inicialmente formulada "a aquisição de conhecimentos técnico-científicos depende do conhecimento da língua através da qual esses conhecimentos são transmitidos" está devidamente confirmada e aceite.

Deste modo, concluo que a introdução de uma disciplina de língua Portuguesa no "currículum" dos cursos ministrados no Hotel-Escola Andalucia, em Maputo, é pois uma das formas de garantir o sucesso da aprendizagem. Esta será a solução ideal; e, mesmo em termos de custos, a introdução de um curso intensivo é mais dispendioso se tomarmos em linha de conta os encargos e despesas para contratação de pessoal para gerir esse curso. No entanto, é necessário e muito importante que, paralelamente, se defina a 9ª classe como grau mínimo de ingresso para todos os candidatos aos cursos daquele Centro de Formação Profissional.

Tratando-se duma problemática relacionada com a linguagem e comunicação é pertinente referir que também conclui que, na programação de qualquer acção de

formação, se deve ter em conta as reflexões sobre o acto de comunicação.

### 3 - Recomendações

Ao elaborar a presente dissertação deparei-me com algumas dificuldades que julgo ser útil e pertinente deixar aqui registadas como medida de precaução para possíveis trabalhos que poderão advir posteriormente:

- 1) Dificuldade na obtenção de Bibliografia;
- 2) Disponibilidade de tempo, por parte dos formandos, para se levar a cabo as referidas aulas intensivas, dado o tipo de calendário escolar que o Hotel-Escola possui.

Dada a dificuldade apresentada em 2) recomendo a introdução da disciplina de Português nos "currícula" dos cursos.

Para melhores resultados poderem sair das investigações posteriores sugiro que o curso intensivo seja de duração mínima de seis meses. Os resultados que obtive neste meu trabalho (ligeiras diferenças entre o G.E. e o G.C.) não foram superiores, dado ao curto período de duração do curso intensivo ministrado.

Dois meses e meio foi pouco tempo para uma avaliação mais real da validade ou importância que o referido curso pode ter na superação da perturbação causada pelo desconhecimento parcial ou total da língua do Emissor.

Outrossim, poderia ser testada esta Hipótese analisando-a por parte do formador.

Como me referi no início do presente trabalho este é um contributo para uma reflexão profunda das implicações que a linguagem e comunicação tem na área da Formação Profissional.



16 - Durante os teus estudos anteriores gostaste da disciplina de Português? Porquê?

17 - Achas que o estudo de Português terá importância para as tuas realizações futuras?

- Justifica a tua resposta.

18 - De que depende o teu interesse/desinteresse pelo Português:

- |  | Não                      | Sim                      |
|--|--------------------------|--------------------------|
| - Do tipo de aulas?                              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Da auto-motivação?                             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Do ambiente da Turma?                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Da simpatia do Professor?                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Da competência do Professor?                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Da simpatia e competência do Professor juntas? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Da facilidade/dificuldade que tens no estudo?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

19 - Como preferes as aulas:

- |                            |                          |                          |
|----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| - Expositivas?             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Dialogadas?              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Em trabalho individual?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Em trabalho em Grupo?    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Com meios audio-visuais? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Outros?                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

20 - Gostas da carreira profissional que abraçaste? Porquê?

21 - Durante a tua carreira estudantil qual foi a disciplina que mais te interessou?

22 - Estará esse facto ligado à escolha da tua profissão? Justifica a tua resposta.

23 - Que temas gostarias de abordar nas tuas aulas de Português?

24 - Como ocupas os teus tempos livres:

	Não	Sim
A. Lendo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Banda Desenhada	<input type="checkbox"/>
	Ficção Científica	<input type="checkbox"/>
O quê?	Livros de Aventuras	<input type="checkbox"/>
	Livros Policiais	<input type="checkbox"/>
	Revistas	<input type="checkbox"/>
	Outros	<input type="checkbox"/>

	Não	Sim
B. Ouvindo música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Moderna	}	<input type="checkbox"/>
De que	Clássica		<input type="checkbox"/>
espécie?	Variada		<input type="checkbox"/>

	Não	Sim
C. Praticando desporto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D. Desenhando?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E. Indo ao Cinema?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
F. Vendó T. V. ?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G. Conversando com amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
H. Outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Maputo,

de

de 19

## ANEXO II

### Inquérito aos Monitores

- 1) Como se chama?
- 2) Que idade tem?
- 3) Onde é que nasceu?
- 4) Quantos irmãos tem? O que fazem eles?
- 5) Onde mora?
- 6) Qual o seu estado civil?
- 7) Com quem vive?
- 8) É o chefe de família?
- 9) Quantas pessoas estão sob a sua responsabilidade?
- 10) Que línguas fala em casa? Qual a mais utilizada?
- 11) Qual a sua língua materna?
- 12) A língua portuguesa é para si uma língua segunda? Se não é, qual o lugar que ela ocupa?
- 13) Que língua(s) usa para se comunicar com os seus amigos?
- 14) Como vem para o Hotel-Escola?
- 15) Quais as suas Habilitações literárias?
- 16) Tem algum curso de formação específica? Qual(is)?
- 17) Onde fez os seus estudos?
- 18) Gosta de ser monitor? Porquê?
- 19) Tem condições para a realização do seu trabalho com sucesso?  
Acha que tem:
  - 1 - Bom ambiente familiar    afectivo?  
   económico?
  - 2 - Lugar favorável à preparação das suas aulas?
  - 3 - Tempo disponível para o realizar?
  - 4 - Bom ambiente de trabalho?
- 20) Durante o seu trabalho, verificou algum interesse por parte dos seus formandos em relação à disciplina que lecciona? De que depende o interesse pela disciplina?



Anexo III

Teste Diagnóstico

Duração: 2 Horas

Nome:

Data:

Escola:

-----  
1- Texto

O Carácter da Profissão

O desenvolvimento da Hotelaria, tem sido de tal maneira notável nos últimos tempos, que nenhum profissional deve esquecer, que da sua colaboração e dos seus conhecimentos bem assim como da sua incapacidade ou negligência, podem depender o aumento ou diminuição de entrada de divisas, através de turistas que nos visitam e que utilizam os nossos serviços hoteleiros e similares.

Imagine-se quantas outras profissões são movimentadas através do afluxo a unidades turísticas e hoteleiras.

O aumento de clientes, incita mais e maiores investimentos, criação de novos postos de trabalho, maior facilidade de promoção, menor índice de desemprego, melhor nível de vida, estabilidade financeira, etc, etc.

Os constantes contactos com pessoas de várias raças, a maior possibilidade de viajar, etc. são factores que se integram no carácter desta profissão que como outras, deve ser dignificada por aqueles que a abraçaram.

1- Compreensão

- 1- O que é que um profissional de Hotelaria deve ter sempre em mente?
- 2- Define "Negligência"
- 3- Que relação existe entre a profissão Hoteleira e outras?
- 4- Que aspectos positivos traz o aumento de clientes para uma Unidade Hoteleira?
- 5- Que vantagem tem um profissional de Hotelaria?

2- Completa as partes em falta no quadro seguinte:

- |                |           |          |               |
|----------------|-----------|----------|---------------|
| 1. Substantivo | Adjectivo | Verbo    | Advérbio      |
| 2.             | Notável   |          |               |
| 3.             | último    |          |               |
| 4. facilidade  |           |          |               |
| 5.             |           | integrar |               |
| 6. vida        |           |          |               |
| 7.             |           |          | possivelmente |

- 3- O canto do pássaro é belo  
O canto da sala está limpo

Nestas duas frases a palavra canto foi usada com dois sentidos diferentes.

a) Faz o mesmo com as palavras quadro e caro ou com outras palavras à sua escolha.

- 4- No grupo de palavras que se segue apenas uma de cada está certa. Identifica-a.

1. Otel/Hotele/Otele/Hotel
2. Coperativa/Comperativa/Cuperativa/Cooperativa/  
/Comprativa
3. Ancim/Assim/Ansim/Acim
4. Enzame/Ezame/Exame/Inzame
5. Neçessidade/Necessidade/Nessessidade/Nessecidade
6. Cassa/Kaza/Caza/Casa
7. Soriso/Sorizo/Sorriso/Sorrizo
8. Rado/Raido/Radio/Rando
9. Cinqeta/Ciqueta/Sinquenta/Cinquenta
10. Corso/Curso/Curço/Curso

- 5- Completa com ideias tuas:

Eu estudo no/na .....

O curso que estou a seguir .....

Para mim é .....

Com ele eu vou poder .....

É meu dever .....

Tenho ..... disciplinas

A/O mais importante .....

Enquanto estiver no curso .....

Quando acabar o meu curso .....

- 6- Elabora um pequeno texto desculpando-te pelo atraso do almoço:

- a) Para uma mesa de pessoas muito chegadas (clientes especiais)
- b) Para os hóspedes/clientes em geral

- 7- Elabora um pequeno aviso sobre um assunto à tua escolha

- 8- Chega um cliente/hóspede ao Hotel. Quais os procedimentos a seguir? (enumera alguns, pelo menos 5)

- 9- Faz a pontuação do texto seguinte:

Esta sim e do Hotel-Escola Andaluçia tenha a bondade Estou falando de Harare desejava reservar um quarto casal (duplo) para os dias 21 e 22 de Junho

Um momento os seus nomes por favor Jim Douglas e Maria Ntavasse reserva marcada obrigada de nada com licença faça o favor.



ANEXO IV

Grupo Experimental			Grupo de Controle		
Nº, Estu- dante	Nota   Aval, Final	Habilit.   Liter.	Nº, Estu- dante	Nota   Aval, Final	Habilit.   Liter.
1	14	9a, Cl.	1	5	6a, Cl.
2	8	6a, Cl.	2	14	9a, Cl.
3	12	9a, Cl.	3	12	9a, Cl.
4	7	6a, Cl.	4	14	9a, Cl.
5	16	9a, Cl.	5	7	9a, Cl.
6	11	9a, Cl.	6	5	7a, Cl.
7	17	9a, Cl.	7	14	11a, Cl.
8	14	9a, Cl.	8	12	9a, Cl.
9	14	9a, Cl.	9	5	6a, Cl.
10	10	8a, Cl.	10	7	9a, Cl.
11	12	9a, Cl.	11	7	6a, Cl.
12	16	10a, Cl.	12	15	110a, Cl.
13	8	6a, Cl.	13	8	7a, Cl.
14	13	9a, Cl.	14	9	6a, Cl.
15	14	9a, Cl.	15	7	9a, Cl.
16	7	6a, Cl.	16	15	110a, Cl.
17	16	11a, Cl.	17	10	8a, Cl.
18	14	110a, Cl.	18	15	9a, Cl.
19	12	9a, Cl.	19	16	111a, Cl.
20	9	7a, Cl.	20	8	9a, Cl.
21	15	9a, Cl.	21	13	9a, Cl.
22	13	9a, Cl.	22	5	7a, Cl.

23	12	9a, C1.	23	12	9a, C1.
24	14	9a, C1.	24	10	9a, C1.
25	11	8a, C1.	25	6	9a, C1.
26	13	9a, C1.	26	8	9a, C1.
27	12	9a, C1.	27	10	9a, C1.
28	8	9a, C1.	28	6	8a, C1.
29	7	7a, C1.	29	7	9a, C1.
30	10	6a, C1.	30	11	9a, C1.

ANEXO V,  
(A)

CÁLCULO DE MÉDIA, MEDIANA, MODA  
GRUPO DE EXPERIMENTAL

Valores Absolutos	Valores de freqüência	Limites de classe	freq. de classe (fi)	Ampl. de classe (C)	Limite real de classe	Ponto Médio IC	freq. acumulada	freq. relativa
7	3	5---9	7	4	4,5--9,5	7	7	23,3%
8	3	10---13	12	3	9,5--13,5	11,5	19	40 %
9	1	14---16	10	2	13,5--16,5	15	29	33,3%
10	2	17---20	1	3	16,5--20,5	18,5	30	3,3%
11	2							
12	5		$\sum=30$					99,9% (100%)
13	3							
14	6							
15	1							
16	3							
17	1							

$$1) \bar{X} = \frac{\sum f_i \cdot X_C}{N}$$

$$2) Md_n = L_1 + \left( \frac{\frac{n}{2} - (\sum f)}{f_m} \right) \cdot C$$

$$3) Mo = 11,5$$

1) MÉDIA

Limites de classe	freq. de classe (fi)	Ponto Médio (XC)	fi . XC
5---9	7	7	49
10---13	12	11,5	138
14---16	10	15	150
17---20	1	18,5	18,5
	$\sum=30$		$\sum=355,5$

$$\bar{X} = \frac{355,5}{30} = 11,85 \quad (=11,8=12)$$

$$\begin{array}{r} 2) 10 \text{ ---- } 13 \\ 9,5 \text{ ---- } 13,5 \end{array}$$

$$\text{Mdn} = 9,5 + \left( \frac{\frac{30}{2} - 7}{12} \right) \cdot 3$$

$$\text{Mdn} = 9,5 + \frac{8}{12} \cdot 3$$

$$\text{Mdn} = 9,5 + 0,66 \times 3$$

$$\text{Mdn} = 9,5 + 1,99 = 11,40$$

ANEXO V (B)

CÁLCULO DE MÉDIA, MEDIANA, MODA  
GRUPO DE CONTROLE

Valores Absolutos	Valores de freqünc.	Limites de classe	freq. de classe (fi)	Ampl. de classe (C)	Limite real de classe	Ponto Médio IC	freq. acumulada	freq. relativa	fi . XC
5	4	5----9	15	4	4,5--9,5	7	15	50%	105
6	2	10----13	8	3	9,5--13,5	11,5	23	26,6%	92
7	5	14----16	7	2	13,5--16,5	15	30	23,3%	105
8	3	17----20							
9	1		Σ=30						
10	3							99,9%	Σ=302
11	1								
12	3								
13	1								
14	3								
15	3								
16	1								

$$1) \bar{X} = \frac{\sum f_i \cdot X_i}{N}$$

$$\bar{X} = \frac{302}{30} = 10.06$$

$$2) \text{Mdn} = L_1 + \left( \frac{\frac{n}{2} - (\sum f)_m}{f_m} \right) \cdot C$$

$$\frac{30}{2} = 15$$

$$\text{Mdn} = 4,5 + \left( \frac{15 - 0}{15} \right) \cdot 4$$

$$\text{Mdn} = 4,5 + 1 \times 4$$

$$\text{Mdn} = 4,5 + 4$$

$$\text{Mdn} = 8,5$$

$$3) \text{Mo} = 7$$

ANEXO VI  
(A)

CÁLCULO DO DESVIO PADRÃO  
GRUPO EXPERIMENTAL

Intervalo de classe	fi	P.M/(xc)	fi,xc	(x- $\bar{x}$ )	(x - $\bar{x}$ ) <sup>2</sup>	fi (x- $\bar{x}$ ) <sup>2</sup>
5 - 9	7	7	49	-4,8	23,04	161,28
10 - 13	12	11,5	138	-0,3	0,09	1,08
14 - 16	10	15	150	3,2	10,24	102,4
17 - 20	1	18,5	18,5	6,7	44,89	44,89
	N=30		$\Sigma=355,5$		$\Sigma= 78,26$	$\Sigma=309,65$

$$D.P. = \frac{\sqrt{78,26}}{30}$$

$$D.P. = \frac{\sqrt{\sum (x - \bar{x})^2}}{n}$$

$$D.P. = \sqrt{2,6}$$

$$\bar{x} = 11,8$$

$$D.P. = 1,6$$

ANEXO VI  
(B)

GRUPO DE CONTROLE

Intervalo de classe	fi	P, M/(xc)	fi, xc	(x- $\bar{x}$ )	(x - $\bar{x}$ ) <sup>2</sup>	fi (x- $\bar{x}$ ) <sup>2</sup>
5 - 9	15	7	105	-3,06	9,36	140,4
10 - 13	8	11,5	92	1,44	2,07	16,56
14 - 16	7	15	105	4,94	24,40	170,8
17 - 20	-	-	-	-	-	-
	N=30		$\sum=302$		$\sum= 35,83$	$\sum=327,76$

$$D. P. = \frac{\sqrt{35,83}}{30}$$

$$D. P. = \sqrt{1,19}$$

$$D. P. = 1,09$$

$$D. P. = \frac{\sqrt{\sum (x - \bar{x})^2}}{n}$$

$$\bar{X} = 10,06$$

Anexo VII

A TENDÊNCIA CENTRAL  
QUADRO COMPARATIVO.

Grupo	Média( $\bar{x}$ )	Moda(Mo)	Mediana(MDN)	Baixa	Alta	Range	Desv. Padrão
Grupo Exper.	11,8	11,5	11,40	7	17	11	1,6
Grupo de Controle	10,06	7	8,5	5	16	12	1,09

ANEXO VIII

CÁLCULO DO  $\chi^2$

	APROV.	REPROV.	TOTAL
+	A fo 23	B fo 7	30
PORT.	fe 19	fe 11	
-	C fo 15	D fo 15	30
PORT.	fe 19	fe 11	
	38	22	60

H<sub>1</sub> = A aquisição de conhecimentos técnicos depende do conhecimento da língua através da qual esses conhecimentos são transmitidos.

Col	Fo	-	fe	(fo-fe)	(fo-fe) <sup>2</sup> /fe
A	23	$\frac{38 \times 30}{60}$	19	4	16 = 0,84
B	7	$\frac{22 \times 30}{60}$	11	-4	16 = 1,45
C	15	$\frac{38 \times 30}{60}$	19	-4	16 = 0,84
D	15	$\frac{38 \times 30}{60}$	11	4	16 = 1,45

$$\chi^2 = \sum \left( \frac{fo-fe}{fe} \right)^2$$

$$\chi^2 = 0,84 + 1,45 + 0,84 + 1,45 = 4,58$$

$$gl = (1-1) (2-1)$$

$$gl = (2-1) \times (2-1) = 1$$

$$gl = 1$$

Valor crítico = 3,84

V. C. (3,84) < V.  $\chi^2$  (4,58)

ANEXO IX

Habilitações Literárias  
dos alunos/Rendimento Escolar  
dos alunos

	Grupo Experimental						Grupo de Controle					
Clas.	6ª.	7ª.	8ª.	9ª.	10ª.	11ª.	6ª.	7ª.	8ª.	9ª.	10ª.	11ª.
INQ.												
Al.	5	2	2	18	2	1	4	3	2	17	2	2
+ 10	1	0	1	17	2	1	0	0	1	10	2	2
- 10	4	2	1	1	0	0	4	3	1	7	0	0

$$30AL \begin{cases} 26 > 10 \\ 4 < 10 \end{cases}$$

$$30AL \begin{cases} 15 > 10 \\ 15 < 10 \end{cases}$$

$$HAB. LIT. \begin{cases} + 9ª. classe = 20 > 10 \\ - 9ª. classe = 10 < 10 \end{cases}$$

$$HAB. LIT. \begin{cases} + 9ª. classe = 14 > 10 \\ - 9ª. classe = 15 < 10 \end{cases}$$

Conclusão:

Quanto mais habilitações literárias maior é o rendimento escolar

Quanto menos habilitações literárias menor é o rendimento.

## BIBLIOGRAFIA

- Bibeau, Gilles e Germain, Claude (1983) "La norme dans l'enseignement de la langue seconde" La Norme Linguistique, collection l'Ordre des mots, le Robert, Paris
- Butler, C. (1985), Statistics in Linguistics, Oxford Basil Blackwell
- Campbell, R. e Wales, R. (1970), The study of language Acquisition, in Lyons, (ed) (1970)
- Carvalho, J.G. Herculano de, (1967/1973), Teoria da Linguagem, tomos 1 e 2, Coimbra (Atlântida).
- Chomsky, N. (1965), Aspectos da teoria da sintaxe, trad. Arménio Amado, Coimbra, 1975.  
- (1966), "Linguistic Theory" in MEAD, R. G., JR. (ed) (1966).  
- (1968), Le langage et la pensée, trad. Payot, Paris, 1970
- Corder, S. P. (1973), Introducing applied linguistics, Harmondsworth (Penguin)
- Corder, S. P. Strategies of Communication, Faerch & Kasper (ed.) 1984. "Strategies in interlanguage communication", London & New York)
- Ducrot, O. e Todorov, T. (1972), Diccionario das Ciências da Linguagem, trad. D. Quixote, Lisboa, 1973.
- Fried, V. (ed) (1972), The Prague School of linguistics and Language Teaching, London (Oxford University Press).
- Genouvrier, E. e Peytard, (1974), Linguística e Ensino do Português, Coimbra (Almedina)
- Gnedenko, B. V. e Khintchine, A. I. (s/d) Introdução à teoria das probabilidades e à Estatística, Lisboa: Editorial Estúdios Cor.
- Halliday, M. A. K. (1970), Language Structure and Language Function in Lyons, J. (ed) (1970)
- Halliday, M. A. K. e outros (1964), as Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas trad. port, vozes, Petrópolis, 1974
- Hoel, P. G. (1963), Estatística Elementar, Rio de Janeiro; Editora fundo da Cultura

- Hymes, D.H. (1971), On Communicative competence, in Pride, J.B. e Holmes, (eds) (1972)
- Jakobson, Roman, Linguística e Comunicação, Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1969.
- James, Carl "The psychological basis of contrastive analysis", in James, C "Contrastive analysis", Longman London & New York, 1984.
- Katupha, J. M. M. (1984), Language Situation of Mozambique (paper presented at the SADCC Conference on Linguistics) Zomba, Malawi.
- Kellerman, Eric, The problems with difficulty, University of Nijmegen, the Netherlands
- Kleinmann, H.H. The strategy of avoidance in adult second language acquisition, in Ritchie (ed) 1978 "Second language acquisition" New York. Academic Press.
- Kristeva, J. et al (Org.) (1975) - Langue, Discours, Société, Pour émile Benveniste. Paris (seuil)
- LELLO, J. e Lello, E. (1972), Dicionário Prático Ilustrado, Porto: Lello & Irmão-Editores
- MCLAUGHLIN, Barry, (1984), Second Language Acquisition in Childhood, V.1. Preschool Children, Second Edition.
- Ngunga, A. S. A. (1985) Estatuto das Línguas em Instituições de Aprendizagem em Moçambique. (Comunicação apresentada ao Seminário da UNESCO sobre Línguas Locais) Lusaka, Zambia.
- Ngũnga, A. S. A. e Machungo, I. B. F. (1990), Ensino de Línguas na Educação Formal em Moçambique (Comunicação apresentada a "NEIDA Regional Seminar on National Languages and foreign Languages Teaching in Africa), Maputo, Moçambique.
- PRIDE, J. B. e HOLMES, J. (eds.) (1972) Sociolinguistics Selected Readings. Harmondsworth (Penguin).
- RICHARDS, J.; Platt, C e Weser, M. (1985), Longman Dictionary of Applied Linguistics, Harlow; Longman

SPIEGEL, M. R. (1972), Estatística: resumo da teoria, 875 problemas resolvidas, 619 problemas propostos. São Paulo: Mc Graw - Hill

Tarone, Elaine Some thought on the notion of communication strategy, "in Faerch & Kasper (ed.) 1984. "strategies in IL communication". Longman, London & New York.